

Magnitude

novela

Victor Mota

Título: Magnitude

Autor: Mota, Victor

Editor: Mota, Victor

Data: 2013

geral@euedito.com

www.euedito.com

Depósito Legal:352848/12

ISBN: 978-989-97985-65

Corria o ano de 1930. Simão Prestes, antigo tarefeiro do estado, assim designado no papéis que estavam no fundo do saco que o acompanhavam e que o revisor liam para comprovar o seu estado de aposentado nas viagens que fazia de comboio, vivia na estação do Oriente, esbracejando e abanando a cabeça e a barba socráticas em interrogações indizíveis que ali marcavam o insólito dos dias de mais uma sociedade industrial em fim de tarde. Naquele ano, Simão Prestes resolvera não aceitar esmola de ninguém, viver da rua e da sua pensão, por mais que custasse. Quem passava, qualquer transeunte, não adivinhava as interrogações que lhe passavam pela cabeça, nem o seu verdadeiro drama. Teria morto alguém? Quantas pessoas, para ser exacto? Que tipo de crime teria cometido? Ou então, teria sido vítima de algum crime? De uma doença súbita, progressiva, linear? Porque alguém se havia, naquele torpor estúpido da cidade que a todos atropela, havia de se preocupar com Simão Prestes, precisamente ele, que estava a mais, que acumulava e atraía todas as dúvidas e problemas da sociedade?

No dia seguinte, concluía a história de Simão Prestes, pois quando fui beber café na estação de comboios ali próxima, reparei por estranha ou não, mas ali estava a coincidência, de que o pacote de açúcar constituía um convite para uma sessão de lançamento de um livro de um autor que me pareceu ter todas as semelhanças com João Prestes. Fui até lá, como um curioso entusiasta dos livros e dos romances, há muito tempo que não viajava para aquelas paragens e resolvi dar uma investida por aquelas terras do sul, terra de gente habituada a sofrer com um sorriso. Pensava afinal que era um privilegiado e que afinal tinha um dom e que não podia desperdiçar. Tinha o “dom de revelar a palavra escondida” e não o podia desperdiçar, já que me tinha dado a oportunidade de o mostrar. Longe estavam os tempos de

São Francisco, da Canção da Irmã Terra, Irmã Árvore, embora houvesse uma clara reminiscência desses ideias nos temas ecológicos actuais. Fosse como fosse, estava ali, ainda em Lisboa, à espera e lutando por qualquer coisa, estava e sentia que estava cedendo, sabia que depois desta crise não iria mais ter vontade de voltar para França para trabalhar, que só iria para “visita, um dia destes, de fugida”. Depois de tratar dos dentes, depois de me recuperar para a sociedade, para parece andava toda a meu lado e eu a par a caminhar mas sozinho e a precisar de fazer um esforço enorme para acompanhar. Era hercúleo. E sem companhia. O sentimento de solidão naquelas noites porvinha certamente numa lágrima, que secava a meio do rosto e se ligava a uma desses filhos dos que sofriam nos bairros aqui perto de Chelas e à volta de mim, em torno de mim, que diabo de visão a minha, eu olhava somente em frente como os jumentos, não tinha capacidade circunferencial para olhar em volta, desta vez o inimigo não tinha cor, não era visível, mas era a invisível, era o marasmo, a indiferença, o cansaço, o desânimo, a fome, a inveja e tantos outros itens que nos fazem olhar para nós mesmo e não olhar para os outros. As minhas defesas estavam cedendo. Eu não podia mais calar a autocensura e o preconceito, sentia que me tinha de libertar das amarras que a solidão me tecia a pouco e pouco à medida que a idade avançava entrava num poço sem fundo, ali mesmo à sombra, aos pés de um império caído, o império português, estava um filho do que poderia ter sido um filho do império francês, um papillon. Porém, tudo isto era ilusão minha, ou sonho, não sabia bem distinguir, em sucessivos insucessos dos dias que cumpria. João Prestes continuava lá, debaixo do vão daquela escassa da estação de comboios, aparentemente imerso na sua loucura, indiferente ao que se passava em seu redor, refém do seu problema que o traumatizara bem cedo ou ainda recentemente, era o que estava para saber. Passava por ele quase todos os dias e quase que podia sentir as suas radiações negativas

sobre mim, quase ninguém se apercebia todos fugiam e evitavam-no como o diabo da cruz, mas eu ousava passar por perto para ser visto por ele, para que ele ousasse no meio da sua loucura reconhecer-me e ter um pouco da minha lucidez para despertar do sono da sua razão. Todos os dias chegava a casa e encontrava-a vazia, sem mulher e filhos, meu emprego desejado estava longe, cada vez mais me convencia de que a minha vida era um vale de lágrimas chamado escrita e nesses particulares dias a presença de João Prestes abatia-me fisicamente e esgotava-me psiquicamente. Além do mais, para mal dos meus pecados, e como se não chegasse, provando que não se pode ter bom coração numa grande cidade, um Orestes não parava de me chatear e telefonava quase todos os dias. Eu, que estava esgotado por ter escrito uma série de livros na flor da idade, numa aventura introspectiva incomum, estava sendo esquecido por aquele tempo, estava simplesmente inserto numa cápsula do tempo, estava fora do tempo, a dor de espírito era atroz e o meu espírito alimentava-se mal pois aquele tempo não abundava de exemplos edificantes. Literalmente, eu estava numa situação em que ou comia ou era comido. Uma situação canibal. O que aumentava o sentimento de impotência e solidão. E nada mais precioso para a literatura que este tipo de sentimentos. E aproveitando a “prisão domiciliária” em que me encontrava, procurei saber junto de João Prestes o que motivara a sua abstracção da sociedade, psíquica e fisionómica, porque aparentemente física não acontecia, porque ele estava ali, todos os dias, no seu lugar, à vista de todos, mais visível que o comum dos cidadãos, exposto na sua dor e loucura. Numa tarde, servindo-me dos meus poderes de clarividência, acostei-me a uma das colunas e esperei por ele na estação de comboios. Eram 17.06 da tarde. Três quartos de hora de pois, lá chegou, partindo de um local de onde vociferava e acercou-se de uma das colunas próximo de onde eu estava, rosnando cada vez mais baixo, como se quisesse dormir. Foi então num assomo de lucidez, num insight

para a sua alma, que vislumbrei todo o seu problema. João Prestes defendera o pai que tivera um filho ilegítimo na aldeia e que se zangara com o irmão por esse motivo. Irmãos amigos à altura da discussão, passaram a odiar-se mutuamente desde então, passando suas famílias a estar separadas, mesmo politicamente. Prestes João apoiou-o sempre mas ultimamente revoltara-se contra o pai porque o seu silencia em questões essenciais era atroz e porque desde pequeno nunca tivera uma conversa franca com ele, sempre o tratara com violência e fora exigente para com ele. Recentemente, Lily fizera-lhe compreender como uns filhos têm de se esforçar mais do que outros e mesmo assim não têm tratamento igual. Depois, Prestes fizera o seu curso e havia procurado sair do país para os Estados Unidos continuar a estudar. No ano seguinte, era internado numa instituição. Ora põe-se a pergunta a este propósito. Sempre que se interna uma pessoa que tenta ir para os estados Unidos estudar, porque se deixa um criminoso andar por aí dando-lhe oportunidades de se ressocializar e permitindo que faça todo o tipo de atrocidades? Até que ponto é legítimo fazer uma coisa e legítimo fazer a outra?

Dei por mim substituindo João Prestes naquele lugar de sociabilidades imprevistas, em que não se ousava ir muito além do permitido. Todo aquele lugar dava para uma tese de doutoramento, mas eu não estava para isso. Num lugar de sedução, de oportunidade de sedução, eu não tinha coragem para dar de investida, pois estava tremendamente deprimido pela falta de amigos e problemas familiares. À minha volta tudo se desmoronava. Eu só podia resistir, dia após dia, atravessando aqueles tempos difíceis, fazendo-me sobreviver através deles para um futuro que não sei bem o que me traria.

Decididamente, eu não gostava do rumo que as coisas estavam a gostar. Não vi naquele dia João Prestes. Talvez o mundo que eu via através dos olhos estivesse a entrar nos eixos. Mas eu não,

continuava louco como sempre, desinsofrido por factos e pela realidade volúvel e transcendente, pelas ideias, pela transformação. O primeiro ministro do país tinha ido para Paris estudar filosofia. Não me tinha dito nada. Teria tido alguma razão para me dizer? Só porque eu tinha projectos e aspirações nessa área? Não, talvez porque tinha investido nele e quando se aposta numa pessoa espera-se que ela retribua com algum esforço ou consideração, que dê pelo menos algum sinal de que está ali por nossa razão. Mas não era o caso. Aparentemente, o liberalismo tinha beneficiado a voragem egoísta do primeiro-ministro deste país pouco mais ou menos “turbolento”. Sim, estamos num país turbolento. Pouco turbolento. Entretanto dou por mim a pensar num investimento de uma vida aqui em Portugal e depois a sul, em Lisboa. A solidão numa cidade negra e asiática. Ser português nesta cidade também gera solidão. Já me chamam padre. Pudesse sair eu daqui...ir para longe. Entretanto vou sonhando mundos, com uma mulher, já que as que cá estão não me agradam, no corpo ou na mente, umas porque bebem e querem masculinidade exacerbada, outras porque querem mais fineza no trato. Vá-se lá compreender, a perfeição não chega para as pessoas que não sabem o que hão-de fazer ao dinheiro. Dou por mal empregue o meu investimento nestas terras e chega um tempo para voltar atrás. Tanta coisa escrita de elogioso e em vão...de facto não consegui encontrar o verdadeiro amor em Lisboa, que não é nenhuma cidade do amor, mas da lassidão e do obsceno, pois está na minha cabeça, mas está também fora de mim de modo a que o capte, se não houvesse não era absorvido por mim, se não fosse real talvez nem sequer seria pensado por mim. Devíamos decretar um mês de censura a sites pornográfico na net para as pessoas se amarem como deve ser. Um mês, por favor, só um mês. Depois cá o projecto que tenho. Um segredo que poderei transportar comigo durante muito tempo e desenvolver, para meu proveito e de todos. Tudo depende se me convencerem se vale a pena ou não investir

cá. Digamos que sou agora um investidor luso-francês, subi de grau na escala social, tenho outro estatuto. Nem mesmo o grau escolar me pode valer de muita coisa. Que aulas posso eu dar? Durante um ano? Alimentar a cabeça dos infantes para serem antropólogos? Enfim, como eu? Serem frustrados de amores? Uns revoltados contra a sociedade por não se encaixarem? Uns eternos aprendizes solitários que somente noutra vida, se ela existir, pois esta leva-nos todas as crenças? Depois, tenho um amigo de 12 anos que podia ser meu filho, mas não posso acompanhá-lo muito mais para a frente porque quando chegar à altura do barely legal terei de me afastar porque de certo modo alguém me marcou nessa altura de modo ontológico que ainda hoje me perturba, talvez se tivesse sido fisicamente teria sido pior, mas assim passa, ninguém se importa e fica para outra vida, se alguém acredita nisso, hoje em dia os jovens apenas se riem e todos parecem viver expectantes da realidade do encontro entre dois ou mais seres, independentemente do sexo, da realidade do encontro de uns com os outros, essa expectativa cultiva-se ao ponto de modificar as relações de trabalho, já não há quem contemple, quem se perturbe com o encontro, que se envergonhe, entretanto quem se retire porque tem alguma coisa de privado para fazer, é tudo publico, mesmo o mais ínfimo pormenor da vida das pessoas, de modo a que tudo seja revelado até a mais ínfima réstia de consciência do inconsciente do próprio Deus e isso o homem não descansa enquanto não conseguir porque não matou ainda a divindade e anseia por fazê-lo a todo o momento e dar um golpe de misericórdia assim nele próprio e na sua aspiração enquanto ser dotado de transcendência. Essa expectativa é na realidade algo que é tão precioso que se adia a todo o momento, é como que um momento de felicidade que se procura “arranjar” (no sentido de manobrar, de arranjo de flores, de arranjo de orquestra), que depende inclusive de fenómenos económicos enquanto que também depende das relações que nos são de certo modo alheias,

sendo que nada nos é alheio de certa maneira e estou só traduzindo os veios ou laços com que cozo as ligações com a realidade envolvente, a minha EXISTENZ, como diria Cronenberg. As relações entre os outros que nos são indirectamente respeitantes depende de certa maneira de fenómenos de mais duração, menos imediatos, de fenómenos culturais ou, se quisermos dizer, artísticos, já que também são essenciais à vida social. E aqui me recolho, em mais uma noite de silêncio, Lily deve estar pensando em mim, comigo de rádio portátil à cabeceira da cama em vez da Bíblia, ouvindo em vez do relato uma música grega de discoteca trepidante enquanto na Grécia há alta tensão em Portugal passam-se dificuldades e ninguém parece importar-se está tudo bem, não quer dizer que houvesse de haver revoltas, às tantas estão para chegar, mas parece que está tudo bem, a maioria está assegurada, chegou-se a um novo estado de coisa, que castigo, agora a história repete-se, já viram o trabalho, no fim de contas tem de haver outro 25 de Abril, os tempos que vamos passar na clandestinidade, eu não talvez, eu pior ainda que nem comunista sou, já viram o castigo, o fado, o enfado, estamos entregues a mais um série de intentos de uma classe que dispensou um primeiro ministro que por ora vai estudar filosofia em Paris por se chamar Sócrates ou sabe-se lá porque meninas de razão de *parfum philosophique*, ele que não sabe sequer que a filosofia também se faz com classes diversas, com pretos, ciganos, chineses, paquistaneses e húngaros de quem ninguém quer saber, com aqueles da Chelas e da Outra Margem. Aliás parece haver um conflito enorme entre esta filosofia elitista que esquece as classes, as etnias e aquela antropologia que esquece a universalidade do pensamento, no fundo é este um mais dos grandes enigmas da humanidade, a luta entre o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto, vá-se lá saber que mais agora e sempre, todos os dias em que temos estes pensamentos, no fundo a luta entre pensamento ocidental e não ocidental, entre

memória letrada e iletrada, entre conhecimento prático e teórico e é isto que eu procuro ligar nas minhas pesquisas, tentar demonstrar o que parece que mais ninguém neste mundo vê, que a etnofilosofia não tem necessariamente de ser uma filosofia africana, mas pode ser muito mais, quer dizer, uma forma de encarar a diversidade inserida na universalidade, a que chamaríamos **diversalidade**, um conceito forjado em português que instrumentaliza uma noção antiga que serviu aos navegadores dos mares para se guiarem no universo das águas e das rotas, por mar, e que pode servir a futuros navegadores das ciências sociais para se guiarem nos mares e terras, pelas universos das gentes como instrumento teórico, ferramenta de precisão que permita enformar dados relativos à diversidade existente que é um dado em si irrecusável e que espanta causando novas interrogações e alimenta estoutro conceito de universalidade que guia como bitola o feixe de relações entre as gentes, substituindo de certa maneira o lugar das leis divinas escritas pelos homens que outrora guiaram na conduta dos grupos sociais pela determinação de sua subsistência e perpetuidade. Mas, meu amigo, tu que lês este livro, poder-te-ás perguntar, que tenho eu com isso? Pois eu te digo, não vou iludir-te vendendo-te um livro americano de como ser bem-sucedido com as mulheres independentemente da tua classe social e dos teus rendimentos, um liberalmente neoliberal, mas proponho-te uma agenda mais democrata, olhas para a minha experiência e tinhas as tuas conclusões, lembra-te dela no teu dia-a-dia depois de leres a minha sina de monge escrevedor e podes agradecer-me daqui a uns séculos quando ainda estiveres comigo a rir noutra mundo, noutra planeta ainda hoje ignoto, nós plenos de mulheres para satisfazer nossos imensos apetites e construindo ao mesmo tempo imensas cidades, dando aulas, aliando o intelectual ao sensorial, pois aqui neste mundo e nesta Lisboa não há hipótese dita de o fazer, tal o fechamento das coisas e das pessoas ou de mim mesmo agora não entendo mesmo já de

quem é o problema, se do relógio, se de quem o fez, afinal de contas, eu digo-te, podia dizer-te os dez mandamentos de como ser bem-sucedido com as mulheres e mesmo assim não conseguires nada porque afinal tens de ser tu próprio, essas coisas não se transmitem, lá estou eu a dizer que o que é americano é tudo artificial, plástico, provocado, forçado, superficial até. Podia dizer-te que poderás encontrar o amor em Lisboa, mas como eu...se o não encontrei em todos estes anos? Quero até confiar-te caro leitor, que poderia dizer-te claramente que amei só para me considerar uma pessoa realizada...até ao momento em que ela me deixou porque comecei a ter problemas com os dentes e acontece que ela era dentista. Azar...não? Acontece, como diz o outro. Para já não falar daquela que não queria ter sexo completo porque queria casar virgem. E com quem além do mais estive para estar noivo pois me colocou um ultimato para lhe oferecer um anel. Podia ter assumido. A esta altura do campeonato tinha uma empresa, com sorte, com fado e enfado até, com amigos, tinha um em casa, casa minha garantida, trabalho, filhos para cuidarem de mim em velhos com garantia de ter netos para me coçarem a barba e ouvirem as minhas histórias neste Portugal reino tradicional de choramingas pinga-amor, e com sorte tinha pelo menos mais uma garantida, pois parece que já é oficial que se pode por mútuo acordo entre casados ter um affair mutuamente consentido sem que isso estrague as relações, sem contar com os flirts no autocarro, durante o longo dia de trabalho na empresa, no comboio, nas idas para o carro quando se leva a colega, no estúdio de televisão, na espera do transporte, no barco, quando se dá mais uma, no avião, quando se paquera uma hospedeira e até se dá mais uma que o ambiente até suscita porque até parece exótico, enfim, é só dizê-lo, uma infinidade de situações para flirter e arranjar mulheres, para eles e para elas, multiplicado pelas hipótese e combinações masculino/feminino, isto é, caso se seja gay ou bissexual as hipóteses podem aumentar

exponencialmente o que permite retirar a ténue ilação de que um homem hoje em dia não trabalha, passa o dia entretido a pensar em ter sexo, trabalham todos aqueles que procuram trabalho, esses sim, pensam em trabalho, porque estão preocupado em cumprir das 9 à 19 respeitando o patrão mesmo sabendo que vão encontrar um português inferiormente dotado e com sorte não lhes sai um estrangeiro ou um chavalo ressabiado de Alverca, hoje em dia não se trabalha, não há vínculo laboral e isso está admitido pelo governo que tomou posse, por lei firmada em decreto escrito com tinta que até vinga a superfície opaca do papel timbrado, que une de uma face à outra, como selado a união de sangue entre dois namorados ingenuamente enamorados da mesma realidade cola de sabão que nunca rebenta mesmo que o mundo rebenta e que sorte têm eles. Podia dizer-te, caro leitor, como não encontrar o amor em Lisboa, mas talvez me acusasses de ser pessimista e isso é coisa poucas vezes fui, melhor, as circunstâncias ensinaram-me a ser duro comigo próprio antes de ser com os outros, o que não acontece com a maioria das pessoas que tenho encontrado por cá, diga-se, o que me resta deste tempo, se há naturais de Lisboa, que não os há (então porque alimento este sentimento se Lisboa é cosmopolita e se a ruralidade nela contida subsume de certa maneira da própria ruralidade concreta das diversas regiões do país?), é mágoa porque tenho uma certa ilusão que se tivesse mais masoquismo e travessura decerto vingaria neste cenário, mas de certo modo seria limitada a minha vitória, bem a este ponto não sei bem o que quero dizer, vingar em termos profissionais, em termos pessoais, ter uma família, uma rede de amigos, enfim, posso dizer-te, leitor, não me chames isso, dizes tu, pois eu te digo, não me leias, vai fazer outra coisa, rasga-me desfaz-te de mim, mas sabes que não podes destruir este momento de terapia que estou tendo por mais ínfimo que seja eu estou aqui deste lado respirando e essa é a minha suave vingança e no fundo todo o jogo, se isto é um jogo, pelo menos parece enquanto todos

estão lutando em competição, até alguém se cansar ou se render, é que eu sou um covarde e tu não me podes roubar esta covardia, este momento covarde que eu cultivo, essa insubordinação que estou tendo à tua mente, intrometendo-me nos teus pensamentos, porque a grande mensagem da cidade perversa é que na realidade ninguém quer saber do teu corpo, se és bonito, aprazível, ou se de um momento para o outro assim mesmo se és TU MESMO por inteiro, apenas quer foder-te o juízo, fazer-te rabiar, e quando descobre que é um conjunto deles e para piorar a situação descobres também que é uma imensidão delas, sim, DELAS, organizadas para te tramar, para te diminuir, para te impedir de teres direito a uma vida normal, uma vida de trabalho regular, com uma namorada, com roupa decente, com comida saudável, com direito a drogas permitidas, com direito ao afecto que não só todo o artista merece mas todo o ser humano merece. Podes então ver as coisas da seguinte maneira: das duas, uma: ou se trata de uma conspiração e estás tramado, tens de desistir e recomeçar do zero, ou podes lutar contra isso, só que aí tens de te organizar gerir o teu pessimismo e aí talvez juntar-te a outros pessimistas e tornar essa pressão e negatividade em força massiva e daí talvez esperar que se transforme por si própria numa enorme força positiva. Tanto maior é o teu desalento caro leitor quanto mais se sentes excluído sistematicamente no local onde vives, desde o bom dia, tens de te expor continuamente, de ter dar e sacrificar continuamente quando vês que todos não arriscam nada como répteis linguados à cata de presas e aranhas estratégias indolentes à espera que lhe caiam moscas e outros insectos ou bicharocos ilustres, exóticos e estrangeiros. Sim, quem arrisca?, Ninguém arrisca, todos preservam o seu emprego como se de uma oportunidade vital se tratasse, como se se fosse mais importante que o juízo final, seu de sua família e de toda a sua descendência e de toda a humanidade que falsamente carregam, poucas são aqueles amigos da luta que caminham de peito aberto pelas

avenidas aludindo a ideais de libertação e de saudade de liberdade e os jovens encolhem-se e riem enquanto que os mais velhos preservam os costumes como os democratas conservadores norte americanos que precisamente por isso gostam muito dos portugueses, porque se pode contar, para bem e para mal, com alguma coisa. O Fado é a canção nacional e em breve será considerado património imaterial da humanidade. Nenhum exemplo mais adequado para servir o meu argumento: a nossa canção, o nosso destino está descrito, estamos fadados para ser alegremente tristes, pobres, belos, dominadores, contudo nunca realizados por si próprios. É o que sinto, caro leitor, daí a vontade, das duas, uma: de criar mundos alternativos como o da escrita que te sugiro aqui em vez de estares namorando, curtindo ou entretido com o teu pirilau, a sós ou acompanhado, ou tu, cara leitora, entretida com a tua passarinha, com as tuas maminhas, a sós, ou acompanhada, ambos, seja de que sexo for, pois que não censuro coisas ditas ou pensadas, enfim, em nome das coisas que hei-de viver e que dou por direito viver a todos aqueles que se seguirão a mim, por não elido a possibilidade do mundo se acabar quando se fechar o pano da minha existência, eis as coisas que podes fazer, ler estas bondades que aqui plasmei nestes acto de cobardia, porque pela primeira vez tens um escritor que se verga ao leitor, à atenção do leitor, outros talvez nunca te terão dado a importância devida, terão estudado a melhor forma de te ludibriar no âmbito do orçamento que tinham pela compra do teu exemplar mais ou menos isso, enfim, sabes que esse acto consiste em que eu não estou verdadeiramente presente a teus olhos com estas palavras mas o poder da literatura consiste em transmitir o universo do que está do lado de cá como se houvesse uma ligação com o lado de lá, sendo que o lado de cá é o mundo em que eu estou neste momento, que agora está calado escuta, não te interessa, por acaso até estou sozinho se queres saber, como de costume, também se estivesse acompanhado arranjava maneira de vir trabalhar, e o

lado de lá, seja, o teu mundo, o mundo de que tu estás ciente ao leres estas palavras e letras. É esse no fundo, em essência, o poder da literatura, da escrita, da palavra, aparentemente une o que não se pode unir. Podes acreditar que há qualquer coisa de sobrenatural em tudo isto. E lá estou eu a puxar para a religião. Deixa lá que não te maço com isso. A religião não te traz aquelas miúdas da televisão, da gente ligada à televisão, as meninas de Cascais, enfim, parece-me que estou sendo um pouco faccioso, no fundo até tenho algumas expectativas de ascensão social, mentira, até julgo ser um *drifter*, seria se minha palavra chegasse mais longe, mas como sabes talvez me lendo aprendas alguma coisa, pelo mesmo a ser escritor, que talvez seja esse o caminho para descobrires um caminho, para ti próprio, o que é um grande sinal para ajudar o mundo a dar as voltas de que precisa para seguir em frente, se assim de pode dizer.

Mas a questão é simples e nada tem de intrigante. Porque é que as miúdas não vão ter com João Prestes, que parece repulsa-las e ser um poço de enfermidades e um peso para a sociedade, sim, porque é que as miúdas não vêm ter contigo, por exemplo, caro leitor, e vão ter com os outros, logo tu que escreves, que estudas e trabalhas, que te esforças tanto, que és bem-parecido e nem nada tímido, razoavelmente desembraçado, pareces ser perfeito, contudo elas vão ter com o outro no último instante. Há qualquer coisa de errado em tudo isto, acredita. Nem tu nem eu pagámos para ver este filme. Tu com as tuas angústias e desilusões, eu com as minhas amargas doidices de malandro que acha que engana alguém. Mais, há qualquer coisa de gay nisto tudo, como se não tivesse feito a tropo e andasse à procura de um lado para o outro do meu quartel e o tamanho absoluto do pénis importasse para alguma coisa. Talvez importe neste país que olha mais para a quantidade do que para a qualidade. Outros cometeram o mesmo erro e nós ainda não aprendemos com eles. Insistimos em persistir

no erro. Digamos que estamos fartos de confessionários, de conversas de metro, de conversas de psicólogos e psiquiatras, até de livros e de todos os tipos de conversas, digamos até que o leitor está numa situação invulgarmente pouco usual e certamente terei as culpas disso pois quem semeia devem colher, não posso querer fazer ciência nem filosofia ao mesmo tempo, nem ficção nem descrição realista ou jornalística ao mesmo tempo, irá culpar-me de ter sido eu o causador da situação em que se encontra, mas pense nas vezes em que despendeu dinheiro inutilmente até agora e no dinheiro que poderá poupar e até dar aos outros daqui em diante, pense nisso, talvez seja uma questão religiosa, talvez uma questão de dinheiro, uma questão económica, sim, porque os tempos estão difíceis e talvez a situação em que se encontra seja relativa a estes dias difíceis que passamos, escute não sou bruxo nem tenho aspiração a psíquico ou psiquiatra, digamos que sou um testemunha dos tempos e que apenas estou dando testemunho de qualquer coisa, usando um dom que desenvolvi exercendo-o através de uma profissão, dizia, há qualquer coisa gay em tudo isto, riem-se as mulheres espantam-se os homens, porque haveria ele de “desviar” para esse tema, enfim, quando falta mulher, uma pessoa pensa que perde qualidades e perdendo ganham-se outras...para outras mulheres, é o meu ponto de vista. Portanto, o facto de estar aqui falando consigo, caro leitor, é apenas mais terapêutico e benéfico para mim do que para si. Digamos que na relação leitor-escritor ou mais exactamente na relação escritor-leitor, quem mais ganha é designadamente o escritor, e isso ninguém em certo sentido lho disse até agora, mesmo no sentido económico, antes de mais. Seria claro dizer que ganham todos em todos os sentidos. Seria diplomático e até genuíno dizer que o leitor perde em todos os sentidos de modo a gerar uma forma de compaixão e intimidade favorável aos cantos escondidos e pouco iluminados de antes de adormecer ou dar a queca final antes de adormecer. Mas quem realmente hoje dorme com a sua mulher?

Quem pensa realmente na mulher que tem a seu lado? E quem estando sozinho, se atreve a sonhar e a desejar uma mulher ideal para si e sonha todos os dias acordado, através e por dentro dos olhos e da mente confuso e enebriada, com aquela mulher ideal que lhe virá aplacar os ódios que tem contra uma sociedade que se não lhe vira as costas porque não é marginal, põe-se de lado para o deixar passar? Quem se atreve a desejar sem ter? Neste reino da laicidade, em nome da comunicação humana, da inovação e do desenvolvimento, tudo é possível, em nome do desejável, tudo é possível, não só revelar o mais ínfimo pormenor da nossa alma, excluindo toda a possibilidade do segredo de que fala Gilles Deleuze, mas em nome do desejável, do desejado, alcançar o antes inalcançável, subvertendo a noção de tempo, alterando os ritmos, fazendo complexificar os ritmos biológicos dos seres biológicos, multiplicando as formas de acerto temporal na escala dos compromissos sociais. Não se trata já de uma cisão entre público e privado, entre sagrado e privado, que foi totalmente elidida nos últimos tempos. Com um simples clique, com um simples interruptor, a nossa memória é invadida e novas se constituem e se não há defesas, talvez haja outra capacidade de realização, de elaboração, de imaginação e jogo simbólico e isso também seria interessante desenvolver. É nesse sentido que pretendo desenvolver o meu argumento. Espero que o leitor me acompanhe. Para responder a esta pergunta da atracção das mulheres, nada mais ilustrativo que o liberalismo ou o capitalismo: estamos numa época e num lugar em que não se pode investir, em que não há sorte, por isso não pode haver atracção, não há dinheiro nem sucesso, por isso não pode haver mulheres, que falsa é a literatura que vive disso. Simplesmente a vaga que está passando por aqui, nesta altura, neste lugar, é uma vaga de azar, de má-sorte, estamos fora de época, não é época de mulheres. Talvez seja preciso trabalhar para isso. Dizer muitas banalidades. Errar bastante. Quando esta vaga acabar, elas virão.

Por um punhado de moedas eu não trairia um amigo, muito menos uma mulher. Por um punhado de moedas eu iria daqui para longe, para não morrer aqui, deixado à minha sorte, procurando uma vaga mais favorável. Ainda assim, faço do trabalhar, do meu trabalho consigo, leitor, uma forma de subsistência. Uma agricultura da mente de subsistência, se se quiser. Depois há a realidade que vejo diante dos olhos. Se cegasse ouviria mais vozes do que as que ouço. Talvez viesse a desenvolver aptidões filosóficas e intuituais, tácteis. Assim, desenvolvo as visuais, construo cidades invisíveis que desenvolvem as de Calvino. Por isso, a este momento do tempo, do que consideraria meu tempo no tempo que me é permitido viver, ou do tempo que me é permitido escrever, escre-viver, cheguei a um ponto em que deveria começar qualquer coisa a que chamaria algo como “NOVA DIVINA COMEDIA”, que seria fundamentalmente uma transposição para os dias de hoje do enfoque de Dante, fazendo uma leitura dos tempos actuais, em que representaria o Céu, o Inferno, o Paraíso. Contudo, o meu público seria limitado, pois a maior parte das pessoas, sobretudo em Portugal, e além do mais a classe bacoca crítica intelectual portuguesa, não acredita sequer na simbologia da tripartição de Dante nem nunca via a obra de Greenaway. Mas é um objectivo a cumprir, um projecto a apresentar para os próximos anos, um projecto de anos. Vamos ver o que sobra do que fizeram ao Ministério da Cultura.

Continuei assim, amargurado pela noite dentro, na floresta de enganos da minha consciência, tentando discernir o que se teria passado com a minha consciência, se é que sobrara alguma coisa dela e dessa susceptível fuga em frente que empreendera para elevar Beatriz aos píncaros dos degraus da Divindade. Deitei-me um pouco, ensaio que caíssem sobre meus olhos alguns pensamentos; sabia que os movimentos futuros seriam sábios, que podiam aprender muito mais do que antes da relação com os

outros, contudo negava-me a isso e fazia finca-pé das minhas posições como que entravando o curso do mundo, com seus avanços e recuos próprios, como se eu não pudesse ou devesse interferir no seu desenvolvimento. E aí, caro leitor, está o verdadeiro enigma da questão. Até àquela altura eu pensava que não me era dado intervir, jogar com a realidade que me punham diante dos olhos, simplesmente pensava que não tinha esse poder. Até que um dia desejei que alguém caísse de uma bicicleta. E aconteceu. Estava por esse tempo lendo alguma coisa de Victor Sanchez sobre Carlos Castañeda. Só eu próprio e minha família sabem o quanto a antropologia portuguesa, ou melhor, os antropólogos portugueses era classistas e elitistas, burgueses até. A própria antropologia, a retórica antropológica seria, em última instância e em termos teóricos, o discurso de uma classe sobre outra inferior. Era o que acontecia em Portugal na antropologia, em profundidade na análise das relações do mundo social e na superfície no jornalismo. Mas não levantemos demasiadas suspeitas, até porque também quero salvar a nossa pele. A minha e a do leitor, pois é consigo que tenho um compromisso, um elo que ninguém mais pode quebrar, lembra-se? Nessa noite, percebi que podia intervir, mas que teria de ter bastante força para impor meu ponto de vista e que sozinho seria trabalho de anos. De modo que seria melhor começar a espalhar a palavra. E assim começa a nossa relação, caro leitor. Quero apresentar-lhe as minhas ideias e projectos sobre o que penso fazer, ideias sobre o que vai acontecendo, reflexões sobre o que se passa, o que não se passa. E olhe que nunca é demais pensarmos e reflectirmos sobre a realidade que nos envolve, ao invés de nos arriscarmos a fugir à felicidade, que se não se pode agarrar, pois isso de facto não prometo ao leitor, sou realista e não vendo a banha da cobra, pelo menos dou umas luzes de como conseguir bons momentos que sejam caminho para lá chegar e tentar formular a conclusão de que a vida, apesar das fugas em frente, vale a pena ser vivida.

Estou deitado, acontece muitas vezes. Tudo o que posso fazer me influencia. As ideias acontecem. Levanto-me depois de duas ou três chegarem à mente, nascerem nos afluentes da consciência. Abro os olhos e vejo a face do meu terapeuta e pergunto-lhe à queima roupa: “então porque é que não me fez isto antes?”. “Nunca me pediu e, aliás, ultimamente não tenho tido tempo, mesmo que quisesse ou me tivesse dito”. A explicação não me convenceu. Tinha de mudar de médico. Ou ficar sem médico para sempre, entregue ao papel branco, condenado ao diálogo entre mim e o leitor, um monólogo inicial que começava na feitura do texto (depende de facto de o texto fosse um monólogo ou não) e acabava com @ leitor num café, conversando comigo. Seria o meu ideal de felicidade, se querem que saiba. A razão do meu trabalho e dos meus dias. Mas é assim, brutal, a inspiração de todos os escritores depende do seu percurso social, da aprendizagem, do seu estatuto e ascensão social. Uns há que nascem para isto, outros fazem-se com o treino, como em tudo. Então para andar de metro é preciso treino? Para viver é preciso treino? Aparentemente parece que sim. É preciso treino. Em santa Apolónia já é preciso uma moeda de 50 cêntimos para poder urinar quando a 50 metros a água do Tejo está mais poluída que a minha urina.

E depois de um dia de reflexão, encontrei uma questão relativamente interessante para colocar ao Professor Bandes: “A Origem da vida humana está relacionada com qualquer coisa de orgânico como por exemplo uma esponja do mar ou deriva de qualquer fenómeno imaterial? A minha pergunta final, a minha bitola conceptual durante aqueles tempos em Berkeley teriam da andar em volta daquela questão. Leva-me imediatamente a estouta de conciliar do criacionismo de Teillard de Chardin, a conciliação entre o darwinismo e as teorias ingénuas da criação defendidas pela hierarquia católica e mais ou menos aceites pelo

povo na sua vida quotidiana. Podia adiantar neste contexto o meu conceito de diversalidade, mas isso pouco interessaria aos americanos. Eles queriam qualquer coisa de novo, de original, tal como a descoberta de uma nova espécie de pensamento, um novo modelo de pensamento. De certa maneira eu já o descobrira, estava convencido disso há algum tempo. Todo este tempo isolado em sofrimento comendo Terra Seca deixou-me um amargo de boca e dissabores, como se fosse um joquer que ninguém quer mas que quando jogado tem o poder de modificar todo o jogo e influenciar todas as cartas em questão. Por detrás de uma cortina semicerrada, uma cortina de pano primitivo, eu descobria uma Lisboa promíscua e obscena e descobria que não só eu era assim, que afinal eu estava num mundo isolado totalmente à parte e que sonhava ainda com uma dama quando outros e outras haviam já partido para outros e outras das mais variadas maneiras. Ali, eu descobria uma vocação escondida e reprimida há muito tempo, desde a infância, o voyeurismo da cena primitiva, do sexo ao vivo, estava muito perto de passar por isso, bastava-me dar um passo, fazer um sorriso, fazer-me forte, ou fazer-me fraco, sei lá, mostrar empatia, contudo nada acontecia, eu continuava a ser o Estrangeiro em Lisboa como Camus em Alger. E este nada acontecer era absolutamente fértil em termos de ideias, digamos que era verdadeiramente o meu segredo profissional. Naqueles dias, a minha personalidade obsessiva deambulava pelos seios e ancas das mulheres nos autocarros, no metro, à minha frente, a meu lado, na expectativa de algum encontro, a espera durava horas, a expectativa durava horas e agora estou descrevendo exactamente ao leitor como funciona este mecanismo psíquico como se eu estivesse no divã e o leitor fosse meu terapeuta, veja o leitor a relação que estou estabelecendo consigo...o grau de intimidade a que pode chegar a escrita e que você não precisa *disso* para conseguir a felicidade. Entretanto, vejo as coisas noutra plano: percorro distâncias

relativamente pequenas, normalmente a pé, algum tempo de autocarro público, de metro público, raramente de carro, quase todos os dias desde há três meses o mesmo percurso, no entanto não há quase nenhuma sociabilidade gerada mesmo que eu force a entrada em locais de consumo onde tenho de debitar dinheiro por obrigação, digamos assim. As pessoas andam tensas e recolhem-se na praia, estamos muito longe de uma Grécia, onde tudo fervilha, aqui temos o Algarve e a Costa de Lisboa, só que as coisas funcionam como que ao contrário: as classes desfavorecidas empobrecem e vêm-se “obrigadas” à delinquência porque lhes é vedado o acesso à educação, ao vestir decentemente, já não estou a falar na moda, para condizer com a pseudo-hollywoodiana classe artística, é-lhes vedado o acesso à saúde, de modo que lhes resta a luta de rua, a manipulação da imagem do som e da palavra nos espaços públicos, não controlados pelos altamente infiltrados dois ou três poderes privados que tudo controlam em termos de comunicação. Esta podia ser uma boa definição de como está funcionando este país neste momento. Mas não é tudo.

Eu estava avisado naqueles dias para o que iria acontecer. Se não pudeses demonstrar, não o digas. Teria de ter muito cuidado com as minhas palavras. Se aqui tinha alguma liberdade, lá então, para onde queria ir, a liberdade não iria ser nenhuma, e a pressão para trabalhar iria ser sufocante. Podia contar com seis meses do mais terrível que podia imaginar. E eu pensava: bem, quem aturou os Mortos do Quinto Império podem aguentar isto. Mas não se tratava de aturar. Era um desafio final. EU não tinha de estar sereno, eu tinha de ser profissional, não sei se me entendes, ser profissional, corresponder. É certo que não tinha nenhum objectivo em vista, um objectivo em vista e já estava, como é hábito meu, exigindo demasiado de mim antes do tempo. De modo que foi assim, a expectativa de ir para Berkeley gerou mais

uma obra, uma espécie de ensaio ou introdução a NOVA DIVINA COMÉDIA , uma sequência de Terra Seca, um romance que queria escrever ao jeito neo-realista e que nunca vou concretizar na realidade já que não me vejo, não percebo se estou andando para trás no tempo. Representa também este volume uma tiragem da consciência de ideias para a tese, mesmo antes de ter um orientador definido, mesmo antes de partir para lá, com toda a expectativa espero que desta vez a experiência não me atraia e que esteja muito mais seguro e consciência. Tenho ideia segura, se tivesse ido em 94 tudo se tinha arranjado, teria sido bom, a instabilidade que vivia na altura teria sido recomposta pela vida lá, sou positivo em pensar que sim, que teria sido bem sucedido, ao invés de ter penado, mais uma, se passei o que por cá passei na psiquiatria, nada me pode perturbar por lá, mesmo que me perturbe, por mais que me perturbe, é bom que me recomponha e volte ao início, volte a por a bola no centro do terreno. Em todas estas minhas incursões, sinto o receio de não ter ido demasiadamente longe e perto das coisas, das pessoas e das ideias, sinto não ter chegado ao âmago das questões e dos que acontece, do que aconteceu, do que está para acontecer, pois queria assistir a tudo, fazer de tudo, estar presente em tudo, substituir Deus, não queiras isso, filho, que dá muito trabalho, mas Ele tem sempre a sua dama, pois tem, por isso é que tu não tens. Depois, uma ideia, mais do que isso, uma realidade com que me confronto hoje em dia, mas que sempre esteve presente digamos desde que aqui cheguei, é a da força física. A maior parte das mulheres daqui não gostam de homens inteligentes, sábios e doces (seria o meu caso?), mas gostam deles com braços grossos, narizes grandes, a que corresponde um membro grande sexual, manobrando fisicamente a dama, dando a sensação de segurança física e psíquica. Não gostam de homens que levantam questões e que pensam, isso não se usa em Lisboa. Lisboa é para curtir, não é para pensar. Se vens cá para ser pensador, conta em seres posto de

lado, aí talvez as pessoas se fores bom te respeitem. Enfim, são gostos, que eu chamaria de primitivos e o facto de eu não corresponder à descrição não ajuda o meu sucesso junto das mulheres por aqui, isso é lógico. E também é facto que o tipo de mulher que eu procuro não está em Lisboa, por isso tenho usado soluções de recurso. O tipo de mulher que eu procuro anda espalhado pela Europa e alguma parte está nos EUA. Para ser objectivo. Mas estou desviando-me do assunto, o que nos traz aqui, nem isso interessa ao leitor, não é o tipo de mulher que eu gosto, pois reservo-me o direito de privacidade nesse aspecto, mas o que se tem passado por aqui, neste reino da memória deste território circunscrito e que amplamente não quer dizer nada onde se desmultiplicam lógicas estéreis e dominantes, tremendamente agressivas e irracionais, a que por motivos que não consigo descortinar, pois não creio ser tudólogo, nem com antropólogo dizer que resolvo todos os problemas dos homens quando nas verdade os homens dando-lhes eu garantias em retribuição me dão um saco cheio de ruínas, cacos e mau ar para respirar. Fosse como fosse, também naquele dia depois do dia da cidade de Lisboa, compreendia que dava muitas vezes comigo pensando em inglês e que essa linguagem era a maior das vezes agressiva, obscena, violenta, o que só poderia vir de outras mentes perturbadas e de outras violências anteriores e diferentes da minha. De facto, não era preciso demonstrar isso. A minha vida demonstrava isso. Eu quase fugia da violência e passava neutro por situações de grande perigo e tensão, gerindo a sangue frio medos e agressividades dos dois lados que sentia embaterem contra mim. Era um íman, tudo atraía, porém não tinha em quem descarregar a energia acumulada. O sexo não era solução. O exercício físico ajudava-me a sentir bem, sobretudo quando fumava menos. Naquele tempo não conhecia nenhuma miúda em particular, depois de perder o interesse definitivamente por Lily ao calcular que ela se divertia com a minha imagem e os meus sapatos chamando-me

palhaço. Estivesse onde ela estivesse, não sentia nenhuma espécie de ódio contra ela, nem contra as mulheres com quem estive. Creio aliás que todas foram tratadas muito bem e a maior parte delas se sentiram intimamente tocadas com a minha presença, para lá da insegurança ou não da coisa. Sabia que o maior desafio daqueles dias era voltar a pensar em inglês mas ao contrário, e.g., pôr tudo de bom que eu tinha em português, francês e espanhol, toda essa raiva saudável e genialidade, ao serviço de um palco onde me podia salientar definitivamente, e esse seria através da língua inglesa e da escrita em língua inglesa. Sentia que, decorrendo o concurso para professor na Universidade, poderia corresponder na íntegra no meu primeiro ano, revendo os meus apontamento à medida que avançava com a escrita e a es-crítica da tese. Uma questão que eu não podia contornar e que não podia esquecer tinha a ver com o orientador, se faria filosofia, em que curso me inscreveria, se iria andar pela mesma faculdade de sempre penando só por andar por motivos de subsistência. Tinha um ensaio pronto, surgira-me mais uma ideia, o culto dos mortos, uma questão que me absorvia algum tempo quando me deparava em situações de alguma violência (nunca me deparei com situações de extrema violência, felizmente). Em geral, nestas situações, sentimos uma arrebatante solidariedade que corresponde ao desejo de saber o que se está a passar, no sentido de ajudar, de compreender. Mas quem sou eu para julgar alguma coisa...

Terceira grande ideia daquele dia. Percebi que não podia continuar a escrever, que me ia espalhar, que seria uma armadilha a curto ou médio prazo, que seria caçado nessa doce vingança que ousava empreender pela escrita contra gigantes numa planície com varapaus. Um mecanismo de adolescência que havia incutido a mim próprio, descrevo-o agora, seria o de pensar o que quisesse, mas só falar o que era politicamente correto no grupo, ou para ou

indivíduo, e neste caso, para o indivíduo, usar alguma ironia, isto acabou por funcionar contra mim, agora explico por que é que sou um escritor solitário e porque a solidão é necessária senão essencial ou fundamental à escrita. Esse mecanismo consistia na recusa de ser espontâneo e em colaborar na espontaneidade dos outros. A autodisciplina era tal que gerava efeitos de solidariedade em cadeia à minha volta, mas não a meu favor, eu só queria um emprego e se possível uma companhia. Agora, já que aqui cheguei, quero mais. Mas reservo-me o direito à privacidade de sonhar com o que quero e dizer o que não quero. Porque há muita coisa que não quero. Enfim...mas isso é outra história. Esse mecanismo psíquico funcionou, aparentemente fiquei solitário e gerei tensão suficiente, mais um dos factores propulsionadores da escrita, a tensão psíquica, de modo a escrever com desenvoltura, densidade e qualidade. Com o tempo aprendi também a desenvolver as questões e aprofundá-las, o que me daria bastante jeito para dar um ar de falsa erudição. Acontece, curioso olhar para aqueles dias, que toda a gente queria fugir a sete pés do que era olhado e criticado, como se fugissem da fome ou da peste. Toda a gente procurava fugir de vestir limpo e decente, de ser normal, de ser pobre equilibrado, remediado, ter uma mulher um emprego, todos no fundo e numa palavra para ser exacto, queria chegar à sobriedade que eu tinha e na verdade nem uma certavam. Na fatura dos meios de que dispunham, gastavam rios de dinheiros em conhecimento, em prazer, SPAS, férias, filhos, educação, ténis, religião, carros, luxos, espectáculos de toda a ordem, sociabilidades, palavras, reflexão, mas nunca, nunca nesta vida acertavam com a sobriedade de algumas pessoas que eu felizmente conhecia. E tinha o gosto de ser uma delas. E como não acreditavam noutra vida estavam feitos, não podiam remediar o caso. De modo que isto leva-me de novo à questão essencial do Professor Brandes, o culto dos mortos, que seria a questão filosófica da vida após da morte. Socialmente sabemos

que é possível, mas biologicamente. E isto liga-se à minha primeira questão levantada no início dos problemas de hoje e aqui tenho de dar a mão à palmatória a um transeunte que me esclareceu para este aspecto, que seria, a morte revigora, a morte contém em si a vida, tanto social como individual. Ora, não será isto um contra senso? Si, mas o fenómeno é exterior a nós, escapa-nos, por isso é objectal, é coisa, é orgânico, daí que seja obrigatoriamente passível de ser possível e realizável. Antes do mais porque contém em si a potência de se transformar por si próprio em outras formas distintas que a dele próprio e a isso se chama transformação, evolução. Assim se dá a vida, assim se passa o testemunho. Agora temos de compreender o culto dos mortos? Para a dizer a verdade do meu estado naquele momento, eu estava em todos os termos, bastante longe de chegar a alguma conclusão sobre o que iria fazer a Berkeley. Não recebera nenhum mail do Professor e estava mais uma vez trabalhando em seco, como diz a minha irmã, sem rede, como diz o meu terapeuta, roto como dizem alguns, falido mas não acabado, não vencido. Impunha a mim próprio tarefas árduas, não aceitava que me dessem ordens, debitava frases instintivas...compelido a escrever compulsivamente, não parava, cade vez mais tinha a força de mil homens para fazer frente a um sociedade que se recusava a qualquer coisa que eu não sabia o que era. Podia ter passado docemente o fim-de-semana a casa dos meus pais, ver o meu sobrinho, viver um momento de descontração, mas não, sacrificava-me por este trabalho árduo e que me deixava cada vez mais magricela e feio. Imaginava-me como Heitor, velho, corcovado, tal Corcunda de Notre Dame, debitando da ponta de seu cigarro interjeições lamentosas acerca da vida. Ia para esse caminho, tinha mais dois dias para chegar às oitenta páginas, estava em vinte e cinco, tinham passado três dias. Nada mau para quem só tomou um Redbull, hã? Precisamente, a questão era essa, dar tempo ao tempo ou esperar pelo tempo, ficar ou ir, gerir ou

investir, o que fazer na realidade, como conjugar as várias variáveis de que dispúnhamos naquele tempo? E não haveria acaso variáveis estranhas, indirectas, intrometidas ao fenómeno em causa, que poderiam estar a interferir? Era isso que eu suspeitava. Precisava de ir lá fora ver melhor essas variáveis.

Além do mais, o meu interesse é defender o leitor, cumprindo assim essa linha que chega até aí, a esses olhos que ora vêm estas palavras, estas letras, este pensar. Na verdade, o meu interesse é fazer com que o leitor defenda a minha tese de que controlando cada indivíduo a vida, energia, que tem em si, por meio de efusões, respirações, gestões de adrenalina e serotonina, possa relacionar-se intersubjectivamente da melhor maneira evitando conflitos, e.g. isto seria o ideal de perfeição de toda a vida social, a panacea social que todos procuramos, dir-me-ia o leitor o que o senhor me pede ou me apresenta é a solução para todos os problemas com que nos deparamos no quotidiano. E eu digo, SIM, É. Na verdade, o sonho de qualquer indivíduo é na verdade, seja homem ou seja mulher, gerir a sua vida com o máximo de proveito e lucro, evitando conflitos, isto é, fazer um *slalon* social. O que eu entendo por isto? O mesmo que um esquiador de gelo, evitando as bandeiras, sendo que as bandeiras são indivíduos e que os indivíduos não estão fixas estão em movimentos e têm redes, o que é muito mais difícil de transpor e ultrapassar. Daqui se depreende que qualquer lei social é muito mais difícil de comprovar que uma lei exacta, porque obedece não só às leis naturais como também a leis subjectivas, o que aumenta o seu grau de complexidade, por isso devemos ter uma perspectivas de complementaridade e uma abordagem mais ampla neste caso. Mas não me vou alongar mais neste caso. Como se evita a violência. Por vezes há impossível evitá-la, pelo menos a verbal, tal como é impossível evitar a morte individual. Em situações de

violência, quando somos ameaçados por alguém, numa sociedade agressiva, que fazer? Responder com a mesma moeda? Recuar?

Alhearmo-nos do comportamento daqueles que nos provocam? Delegar a tarefa para a autoridade? Sim, que fazer? A ausência naqueles últimos dias na praça que eu frequentava de João Prestes podia ser uma chave. Entretanto, entregue aos meus pensamentos, deixava livre curso a questões filosóficas e deixava-me levar por questões aparentemente complexas e técnicas como a inteligência artificial e outros assuntos de quejando interesse. De facto tinha chegado a uma formulação final, para apresentar ao professor Brandes, só que tinha um pouco receio de a revelar, mas escrevi-a no meu caderno de notas: “pode a antropologia ocupar-se da inteligência artificial Pode a vida eterna acontecer? Pode a vida ser anatomicamente reproduzível?” No meu reduto de reflexão, equacionava estas questões como se últimas se tratassem, enquanto a vida lá fora continuava decorrendo. Os carros passavam diante da minha varanda, para além da minha janela, as obras de Santa Engrácia do Supermercado Pingo Doce estavam paradas porque era sábado, decerto mais daqui a pouco, depois de algumas mais páginas, iria fazer um intervalo até ao café do sr. Adão, viria de novo para continuar a inserir dados aqui no ecrã branco até que telefonasse um amigo e viesse à noite para conversarmos um pouco no bar aqui do bairro. Entretanto, tinha-me preparado longorosamente e tinha ido às compras, suspeitando como seria difícil minha vida longe e o quanto eu estava a milhas de alguma *chance* de me adaptar a esse estilo de vida. Contudo, continuava com esperança e até achava divertido uma aventura hollywoodesca, em que eu pudesse discretamente assumir um papel de “disruptive live reporter” qualquer coisa assim, bem seria uma inversão total, uma volta 360 graus na minha vida, não era questão de ponderar, era questão de embarcar sem pensar,

mais uma experiência, aí vamos nós, o que se há-de fazer, aproveitar a oportunidade para nos promover-mos criativamente e conhecer outras realidades, sejam elas quais sejam. Pensava naqueles tempos um pouco dessa maneira. Seja como for, estavam ali, estacado, num sábado em que podia fazer muita coisa, estava refém das minhas palavras quando só as palavras eram meu peso e minha libertação. Mas parecia que quanto mais eu as suscitava e convocada, mais elas apareciam para me complicarem a vida, como se eu tivesse criado um mundo cujos habitantes nunca me dessem sossego com seus problemas. Os personagens perturbavam-me e não assumiam verdadeiramente o papel de personagens, não se faziam de convidados, eram como que marionetas, pior, modelos de uma montra de roupa parisiense que eu contemplava mas que não me falavam, pouco me diziam, estavam noutro mundo, noutra esfera de conceitos e sociabilidades, não me afectando senão no sentido em que os via e de algum modo tendia no meu modo de vida *para* eles. Era esta a grande diferença entre mim e eles. Não a diferença na roupa que usávamos, o facto de eu andar a pé e sozinho, de viver sozinho e não ter trabalho nem horários a cumprir e ter um projecto de vida totalmente diferente, para não dizer uma concepção de vida totalmente diferente, talvez muito mais metódica e exigente do que a deles, em certo sentido. Mas aqui estou eu a polemizar sobre a diferença de estilos de vida entre mim e os meus contemporâneos e quem me cruzo. Isto tem a ver com os estudos das sociabilidades num espaço que é o Parque das Nações. Tudo se passa neste território diminuto, onde habito só, onde não comunico com um familiar, enfim, onde me movo, com intriga, aventureirismo e curiosidade. Convém também dizer que há um jovem aqui que me intriga e está em plena ascensão social e que já tem família, vem da margem sul todos os dias e trabalha aqui no café, o patrão já lhe deu um cargo de responsabilidade nos movimentos do negócios e ele move-se que nem patinador em

gelo. Sei os tempos que vivemos, sei que não posso voltar para trás, voltar para trás seria o caminho de um Portugal triste, grupal, opressivo, dependente, estigmático e de alguma maneira percebo esta viragem à direita nas políticas; voltar atrás seria um caminho de saudade para com a França, a infância, mas eu quero talvez ir mais longe antes, primeiro. Como no início, em Curvas Apertadas, vou dar uma volta maior, leva mais tempos, mas espero que as *vistas* sejam melhores. A pouco e pouco vai saltando da minha memória todo um imaginário cinematográfico mas também literário que espero rebater naqueles seis meses. Será tempo de dar tudo. Vou voltar seco. Cá vou ter tempo para descansar e continuar a fazer o doutoramento em calma e sossego, já com outra perspectiva, espero eu. Bloqueio. aguardo fim de bloqueio. Que fazer? Vou beber café. Causa do bloqueio: vejo dois namorados beijando-se, sinto-me sozinho, sem nada para fazer. Como pode haver inspiração num cenário destes? Frustração. No pendor daquele momento de fraqueza sobreveio uma certa lucidez e tive uma lucidez e então sobreveio uma grande e definitiva ideia. Estava nas lonas, cansado de escrever, de ter ideias geniais e fundamentais num país que não acreditava em mim e que me dava por mal empregue nos seus pensamentos e dias. A frustração era imensa. Então vislumbrei uma fórmula que ultrapassaria toda a psiquiatria, religião, medicina e filosofia, oriental e ocidental: destacando-se do corpo, o espírito da pessoa fazia reparações à sua própria pessoa, como se fosse a sua pessoa, operando através de narrações do passado, uma recuperação dos sentidos da alma. Seria algo do âmbito da alquimia ou da magia primitiva, tinha de estar a pau com os inimigos, à cautela com invejas acerca desta nova fórmula terapêutica encontrada para resolver questões psicológicas delicadas do passado. E como vislumbrei o caso para mim próprio? Vi o meu espírito soltar-se da minha alma e do meu corpo e ver tudo o que o meu corpo agressivamente tinha feito contra os outros e contra ele próprio,

impelido por forças estranhas e irracionais ao Bem, à sua vontade própria, ao seu destino, ao seu caminho próprio. Via falos, penetrações, sémen espalhado por todo o lado, ecrãs acesos com as mais díspares formas inumanas, pedaços de corpos desejan­tes, onde curiosamente não havia indício de crime e perturbação, mas onde habitava a desordem a selvajaria desordenada dos desejos. Uma transposição do círculo dos viciosos do Inferno de Dante. Que nome daria a esta nova fórmula? A este movimento terapêutico do corpo para se revitalizar, se abstrair de si próprio para a si regressar de novo sob uma nova forma, para uma nova forma, consertada, rearranjada, reordenada? Era sem dúvida um movimento gnosiológico importante, podia entrever, qualquer coisa do âmbito do fantasmático, do mágico, do sobrenatural. Daí que nunca teria de perder de vista o fenómeno religioso, que para mim teve e tem importante como revelador da mais profunda e fundamental consciência e verdade da natureza humana. Eram 21h. Talvez precisasse de sair de novo. Mas para onde? Que fazer? Não sei se teria mais uma ideia em carteira...ler um pouco...acender a televisão, não. Esperar, esperar um pouco, estar atento, as vibrações não se faziam esperar por muito mais tempo, deviam estar aí para chegar e eu estaria pronto com as minhas antenas para as receber, aliás, eu era não só um poderoso transmissor de vibrações, como também retransmissor de ideias, também ideais que por mim passavam e que filtra sob meu desiderato e aprovação. Com o envolvimento das ideias nem dava o tempo a passar. Telefonei ao meu amigo (de sempre?), que estava ocupado com os resultados das eleições legislativas e umas aulas de viola e eu cá preocupado obsessivamente com a formulação final que teria de apresentar ao Professor Brandes. Bem, ainda não havia recebido a sua resposta, pelo que tinha em teoria algum tempo ainda. O trabalho na editora ia ficando em *standby* enquanto que ficavam para trás as personagens deste Terra Seca II, que por enquanto iam só em João Prestes e eu

próprio e numas breves menções a Lily e mais dois ou três personagens secundários. Não havia trama. Então isto era um ensaio ou uma novela? Chegaria a ser romance? Teria de agregar alguns personagens senão ao futuro pelo menos ao passado de João Prestes para o fazer. Casos perdidos. Tinham-me dito para nunca me ocupar com casos perdidos, e eu estava agora em risco de ser um deles, como podia sonhar ir para Hollywood? Esta é que era a verdadeira questão para investigar, como se chega a Hollywood? Não basta golpe de sorte e confiança, é preciso dinheiro, de facto, muito dinheiro e conhecimentos, e uma forma de ser especial de se adaptar a circunstâncias especiais. Para além de vir a ser ma espécie de monge, de coiote, quem mais podia ser eu por seis meses em terras do tio Sam? Teria oportunidade de visitar meu primo em Calgary? Pé ante pé, lá ia minha consciência desfilando hipóteses, cenários eu não tinha muitos para além dos que a net me fornecia, por isso haveria um certo elemento de surpresa.

E então, não por cansaço, não por ressentimento, mas porque sentia que não valia mesmo a pena, pensei em desistir de tudo. Como aos 15 anos, desistir de tudo, deixar morrer tudo, deixar tudo para trás, namorada, família, amigos, projecto de vida, vida, tudo para trás, abandonar tudo, esquecer tudo, porque simplesmente sentia que o sentimento de isolamento era tal ao longo de tantos dias e a solidão era tal que ninguém me acompanhava em nenhum projecto. E se me acompanhavam era para dizer mal. E se me queixava era porque não tinha que chegue. Por isso chamava a esta terra, Terra Seca. Não deixavam que a gente crescesse. E isso acontecera comigo. Queriam os americanos mais provas do que isso? Eu, eu era a prova viva. Eu não tinha casado, pelo menos que eu saiba, com nenhuma mulher, nem nenhum homem, embora tivesse tido extremo proveito em fazê-lo. E porque não o fiz? Porque decididamente não consegui

ser feliz nesta terra, como é que queriam que escrevesse livros belos e bendizentes sobre este país que fossem prémios literários e belas obras de contemplar se não conheci a felicidade nesta terra? Podem dizer que é culpa minha, que não sou fácil de contentar, de encaixar, que não tenho capacidade de encaixe, que estou procurando me justificar, mas decerto que não estou só, há uma multidão de emigrantes lá fora que pensa como eu e muitos cá dentro pensam como eu, que as coisas não estão bem, porque só estão bem para aqueles que estão bem na vida. Seria uma coisa a pensar, desistir, desistir de qualquer coisa, deixar de me importar, começar a olhar pela saúde, arranjar uma companhia, começar a praticar desporto, vestir bem, sair frequentemente, conviver, gozar a vida em vez de trabalhar tanto. Porque para maioria das pessoas eu nem sequer trabalhava, era um meteco, não tinha direitos, só tinha direito a me alimentar e por sorte podia votar. Na realidade, a única liberdade que tinha era a net e não era realidade nenhuma, era uma ilusão bacoca, pois só mostrava o lado perverso, o lado finalista da questão, desses mundos alternativos e idílicos com que sonhamos nos filmes. Entre o cinema europeu e americano deambulava nesses dias, enquanto lia Coetzee. A noite caía, um carro passava, acendiam-se as luzes do terreiro em frente de casa, na ponte Vasco da Gama os carros passavam espaçados entre os prédios, veículos iam e vinham de um lado para o outros, uns trazendo mercadorias, outros pessoas, mercadorias e pessoas, bens e pessoas. A roupa estava estendida a secar. Dali a pouco o meu corpo repousava depois de um chá e um cigarro alemão Davidoff. A minha irmã está bem.

Agora, já noutra situação, eu estava dentro de um pêndulo de um relógio do tempo, um pêndulo de Foucault. Andava à toa de um lado para o outro encerrado e convencido do meu argumento, prisioneiro das minhas certezas conhecia agora as amarras do

dogmatismo a falta de liberdade da dúvida. O tempo e a cadência eram certos, sabia o que queria, para onde ia, exactamente o que podia acontecer no momento seguinte, podia prever o desfecho de alguns acontecimentos próximos e isso não me dava nenhuma satisfação por aí além nem me distinguiu dos outros, nem me fazia, estranhamente, conquistar mais mulheres ou sentir-me mais atraente sensualmente falando, por isso quebrei o vidro e fixei esse anátema no tempo, essa certeza, esse dogma, e foi à procura de outro, embarcando na dúvida navegando nos mares da interrogação na fluidez da imaginação. Sabia que nestes territórios era quase imbatível, que era um saltitão nas interrogações, que saltava como beija-flor de flor em flor em busca de alimento e nisto me divertia e trabalhava ocupando meus dias e noites de lua. A este ritmo chegaria às oitenta páginas deste volume que ainda não tinha nome definitivo em breve, havia chegado às 33 em pouca mais de três dias e esta noite contava poder chegar às 40, faltavam portanto mais seis, havia que ter paciência. De modo que quebrei o vidro e fui de encontro à dúvida, como o velho francês. Mudei o lito de letra inclusive para me ajudar. De um Times New Roman 16 para um Euphemia. Correspondia um pouco mais ou menos ao tipo de livro de Michel Serres que tinha em mãos. Podia ajudar-me a atravessar aquela noite como o voo de noite e regressar a uma noite, a um quarto em que a chuva batia insistente no vidro na janela, fazendo frio e eu lia com para além da 11 horas quando todos já se haviam deitado. Então, pouco depois da meia-noite, estava eu lendo um pouco Descartes e Leibniz, ocorreu-me esta singela ideia junto à máquina do café: não terminaria este romance apenas com o meu movimento físico daqui para algum lado, ou seja, ficaria aqui eternamente entregue a estas questões e até que ponto estava como que criando uma sociedade sem história, ou de história mítica e repetitiva, circular, ou seja, finalmente, seria preciso sair daqui para terminar esta história ou melhor ainda, seria preciso sair daqui para continuá-la

e acrescentar-lhe novas coisas ou contar novas histórias? Mas sair com que orçamento? E com que matéria-prima podia sonhar? Tinha de recolher bibliografia, estudar mais, ocupar mais o meu tempo com a escrita e a leitura, mas simultaneamente sentia-me cada vez mais sozinho e fraco, o meu coração começava a apertar, sentia que chegava quase às quarenta páginas naquela noite, mas que fumava imenso e minha imaginação estava em rédea solta, não parava, porém sentia também que lé longe a esperança poderia renascer e poderia ver as coisas com outros olhos e seria mais uma grande oportunidade para desenvolver a escrita e haveria só que aproveitar enquanto fosse tempo. Um certa calma se impunha. Resolvi, pelas 00.16h fechar a janela da sala onde trabalhava, pois andava quase nu pela sala, já que estava calor, em redor de uma pequena luz no centro da sala. Estava de mente aberta. Depois disto, concentrei-me mais um pouco. Concentrei-me nas ideias que tinha tido ao longo do dia. Olhei de soslaio os meus livros da sala. Inspirei. Vi de relance os momentos em que me desviara das pessoas que realmente amo na vida. A minha família. Risquei da memória a forma como os tratei mal, os humilhei. Tentei esvaziar desta sala toda e qualquer forma de tristeza e ressentimento, mesmo as mais recentes, para com a minha vizinha, mesmo para comigo próprio, para com o meu corpo, para com a Lily, para com a minha sexualidade autofágica e destrutiva. Era um homem só. A minha família estava suspensa numa árvore. Os frutos começavam a cair. Os outros eram os frutos. A minha família mantinha-se lá. Os frutos eram podres. A minha família mantinha-se. Eu olhava, mas não tinha olhos, nem corpo. Eu não estava na família. Até que minha mãe deu por minha falta e gritou por mim. Meu irmão e minha irmã foram à minha procura no prado verdejante e encontraram-me brincando em pequeno junto a uma represa, construindo uma cidade, acompanhando do Tuisca. Levaram-me para a árvore. Lá estava eu também, junto a eles. E ali fiquei. Depois, estava vendo um

quadro numa exposição, entre várias pessoas, numa vernissage, com música ambiente agradável mas ligeiramente misteriosa, com belíssimas mulheres e pessoas de várias etnias, estilos e classes sociais, estilos e tendências de pensamento e vida. Alguém veio retirar o quadro da árvore que eu olhava e onde também estava e disse que iria ser levado para um Museu. Passamos então para o Museu onde há uma Conferência por um historiador de arte célebre a decorrer, amigo do curador do museu, que podia ser o Louvre, o d'Orsay ou o Trocadéro. Nessa altura, eu oiço a conferência num gabinete, onde estou tomando em estudo algumas notas. Permaneço aí uns 5 minutos, tomando notas, analisando espécimens, papéis, etc, saindo do Museu (neste caso podia ser o Trocadéro, já que é um museu de estudo e formação académicos), e entro nas artérias de Paris de bicicleta. Tudo isto é forte demais para os personagens em meu Redor. Oiço ratazanas saltarem das tampas de esgoto abertas, Paris inunda-se de ratazanas invejosas que procuram sugar a minha criatividade como vampiros. Mas foi só um sonho. Pelo menos aqui ninguém me dá valor e gozam comigo como se fossem um deficiente das forças armadas ou coisa do género. Contudo, quando chegar ao Brasil, esta obra irá atingir uma magnitude tal que em breve chegará também aos EUA senão por minhas mãos pelo menos pelas mãos de alguém amigo e creio que aí terei algum reconhecimento justo do trabalho que tenho feito por aqui em Portugal. Depois de Saramago.

Mas o sonho continua. Como a odisseia de Papillon, se dermos corda à imaginação, enquanto se respira a imaginação nunca pára. Não esqueçamos que esta obra seria, entre várias coisas, uma espécie de introdução à prevista obra em verso Nova Divina Comédia. Nesse sonho, chega uma misteriosa e sensual personagem, de seios redondos e grandes, que me acolhe em seu quarto nas caraíbas. É o prémio merecido de qualquer escritor que

corre em direcção às 40 páginas. Ela reserva-me a educação dos meus futuros filhos e uma velhice tranquila, longe do bulício e da *regrice* (da normalidade, no sentido de obediência às normas) da vida da cidade). Sim, como Papillon, estou eu busca da minha liberdade, talvez provisória, mas que será pelo menos uma janela física temporária que me permitirá essa libertação física e após isso a libertação psíquica para criar e desenvolver o meu trabalho. Ainda me inquieta esse trabalho, embora não tenha um compromisso real de produzir uma tese ou um texto e seja algo informal e não obedeça a estritos parâmetros. Imensas coisas tenho a fazer se quero ir e mesmo se não quero é de aproveitar esta altura para as fazer: cuidar da aparência, nomeadamente dos dentes e do cabelo, dos olhos, do rosto em geral; comprar alguma roupa logo que tenha tempo. Ir fazendo, ir caminhando, Mas e o sonho, onde estamos? Saímos do museu, estamos em Paris, numa cidade inundada de ratazanas, como saímos disto? Atraímo-las para uma lixeira. Paris, Nova Iorque, São Francisco, Los Angeles. Todas têm pontes, tal como Lisboa. São Francisco tem uma ponte semelhante à nossa 25 de Abril. Bem, pausa. Dei por terminado o meu trabalho naquela noite. Não ia ficar toda a noite, não tinha ficado esgotado com dois Redbulls nos dois últimos dias e a fraca alimentação (aliás, tenho de ir comer), mas acho que ficaria por ali naquela noite, não tinha mais ideias e iria encerrar a sessão, a não ser que algum fenómeno despoletasse mais duas ou três em série, como uma mulheres que tem vários orgasmos em série ou ao mesmo tempo, diz-se. Isto é incrível, o tempo que eu perdi bloqueado, as ideias brilhantes que eu tive ao longo do tempo e que não anotei, não desenvolvi, não comuniquei à pessoa certa (sobretudo isto) da maneira mais correcta (também isto). É constrangedor!... Por estas e por outras razões nunca quis trabalhar oito horas por dia e comprometi a herança do meu pai e dá-la à minha irmã que me está sustentando em nome da minha obra. É o que farei se tiver juízo. Entretanto, quando penso nela,

penso em coisas positivas que sua lembrança me traz. E não me ocorre nenhuma outra mulher a não ser a Magda. Ou a minha mãe. Mas aqui falo como que por obrigação, pois nem sempre ela me defendeu ultimamente, não compreendo medo ou a loucura dela. Estranho este sentimento, mas creio que perdi o rumo da minha mãe. Perdi. Estou desviado da sua rota. E do meu pai também. Desde sempre. Talvez eles esperassem que eu me aproximasse mais deles em vez de me afastar, mas o que é certo é que me afastei. Desde cedo uma estranha doença me separa da minha mãe. Psíquica, complexa, ventral, insolúvel. Tenho aqui matéria para falar até ao fim, mas certamente que tenho aqui matéria para me calar desde já e ficar recolhido em silêncio e meditação quanto a este respeito. Não sei se vou continuar neste assunto. O tempo é tão profundo que não ousou tocar-lhe. Seria desafio para esta noite o que ponho agora diante de mim este de questionar-me sobre a minha relação com a minha mãe? Porque não surgem os amigos, as festas, o emprego normal, as chatices, as miúdas, as mesmas coisas de sempre, tudo isso que eu evito para ter uma vida perfeita e interessante, literariamente perfeita e interessante, quando chego no final e tenho uma vida chata e escrava da escrita e deste algoz que me pede mais e mais? Porque será? Perdi o elã? O enlevo? Passaram os meus tempos dourados? Não, parece que estou esquecendo, quando formulo leis fundamentais do comportamento, estou esquecendo uma simples lei, a lei da vida, nascer, crescer, morrer e está acontecendo, quer queira quer não estou envelhecendo e não posso evitar isso, por mais argumentos que forje, o tempo foge e eu posso puxá-lo para trás. Como proceder então? Não sei, sinceramente aqui não sei. Estou perdido, neste paraíso da abundância das palavras, perdido, elas caem da minha cabeça para o chão como se fossem água de uma fonte jorrando para o campo, por isso não dou conta, não sei, não sei como saber, não está em mi saber isso, pelo menos por ora, pelo menos por enquanto.

Talvez minha mãe estivesse a pintar enquanto eu escrevesse ou estivesse lá fora e viesse daí a descobrir alguma coisa que não soubesse antes. Não sei porque pensava assim. Era uma esperança minha. Era como sentia uma angústia de morte, uma angústia em pleno voo ou aterragem, nem quero pensar, tenho medo só de pensar. Estava tão desligado do fundo que precisava de ir com muita cautela para partir para as coisas, antes de fazer alguma coisa, tinha estado muito tempo isolado, parado, não atribuo a culpa a ninguém senão a mim próprio, foi uma opção, mas agora teria de partir para outra, modificar as coisa, começar a sair, a mostrar-me mais, a mostrar o conhecimento produzido, a comunicar, a dialogar com os outros, inclusive noutros idiomas e nomeadamente traduzir a minha obra em inglês.

Tentando desconstruir a memória de minha mãe, digamos assim, falaria das mulheres que sempre desejei ter, cujas ancas sempre desejei manobrar. Eu sentia um carinho e dedicava atenção especial às mulheres na minha infância e adolescência. As revistas de moda francesas serviam para ver alguma coisa, mas na escola e entre os amigos via-se o resto. Contudo, saltando bastante tempo no tempo biográfico, eu só fui um verdadeiro fã de alguma pornografia a partir dos 25-26 anos. O que foi evidente é que me autodisciplinei bastante enquanto jovem porque sabia a força que tinha. Dos 15 aos 19 anos, nada, do 19 aos 25 anos apenas filmes e masturbação. Depois, uma ou duas namoradas. E mantém-se até hoje relativamente linear o percurso. Agora, se todos se interrogassem como eu, o que se passaria? O mundo não seria um local melhor para se viver? Se todos se preocupassem e se expusessem como eu não seria melhor o mundo? Tenho o forte pressentimento que sim...então não digam mais nada. Eis então que me vejo neste reino do desejo, rodeado de belas mulheres, tal Hugh Heffner, realizando todos os seus apetites sem limites, um verdadeiro éden, e então o que é feito da funcionalidade do

mundo e das coisas (do mundo, pois então) sociais? O que é feito dos grandes problemas da humanidade? Eu cá tenho um pressentimento que se formos como a toupeira e resolvermos os problemas pela via hedonista eles acabam-se resolvendo por eles próprios. Será verdade? Pensemos um pouco na questão? A filosofia pode ser uma tarefa extremamente atraente, mas quando realizada exclusivamente, sem o auxílio de mais nenhuma disciplina, pode ser pelo contrário uma tarefa extraordinariamente chata e maçuda. Como pode a filosofia resolver problemas sociais e conflitos? Como o caso da violência étnica por exemplo? Facilitando o diálogo, apelando à comunicação, ao enterro da violência grupal, abrindo vias ao diálogo entre as gerações, estabelecendo vias de comunicação entre os sexos e os subgrupos de interesse, trabalhando no fundo em colaboração com a antropologia, pois que em termos de dados e conhecimento de terreno esta tem muitos mais para dar que a filosofia, pois tem ao seu serviço a etnografia e um conhecimento experimental que deriva do método do trabalho de terreno (de campo) estabelecido por Bronislaw Malinowski em princípios do Séc.XX. Tudo isto são questões que pode aqui ser debatidas e desenvolvidas com o decorrer do tempo, questões para as quais chamamos atenção, pois não se limitam a ver a sociedade num curto e médio prazo, mas a olham num longo prazo e numa perspectiva de longa duração. Estas reflexões surgem a propósito das minhas aulas previstas de Metodologia do Trabalho de Campo que estou em vias de empreender e que seguirá um pouco mais ou menos um percurso dos meus últimos anos de pesquisa metodológica no meu trabalho de campo em Riachos. Bem, mas não temos, antes de desenvolver mais este assunto, que também seria interessante, não temos mais personagens, pois passou tempo e ainda não tivemos a oportunidade de estar com João Prestes e indagar se ele teria alguma personagem na sua órbita. Cabelos tem e muitos. E sujios.

E vai 1.53. Estou chegando às 40 páginas. O que parecia impossível, ou pelo menos muito difícil, está-se concretizando. Vou dormir e talvez volte ainda, no meio do acordar do sono para continuar, se ainda der mais ideia, que eu resgato ao sono e ao pêndulo da consciência criativa. Cheguei. Oxalá já estivesse lá. Do outro lado do atlântico. Mas não. Estou aqui ainda. E o destino deste país está traçado. Sócrates regressará daqui a uns anos para ser Presidente, regressado de França, depois de uma experiência de direita que porá o país dos eixos fora dos eixos. E nós sabemos isto tudo, pior, consentimos isto tudo como se fosse a coisa mais natural do mundo como comer um prato de caracóis. Falo do eu e do nós. Da minha solidão de escritor. Da tentativa de chegar a um 2ºano do doutoramento e poder um dia chatear alunos com os meus ensinamentos acerca da vida, esse grande mistério do antropólogo, a vida humana, que resumiria em dois três aspectos e que essencialmente se pode dizer dá muito trabalho e pouco proveito, pelo que mais vale vivê-la naturalmente e não pensar em vivê-la. É esse o meu conselho que ultrapassa a psiquiatria e até a alquimia: não perseguir o mistério das coisas, saborear a brisa das coisas como uma dádiva (divina ou natural, cada um entende como queira). Depois, esta minha descoberta de que a antropologia é um caminho espinhoso que nos tinha proveito fama e conhecimento e nos traz uma cruz, pobreza e dor, como tem sido verificado em mim e noutros colegas até agora. Clandestinas têm sido minhas obras, até quando. Esta espécie de abatimento e condição e meteco pode ser muito frutífera, mas até que ponto não escraviza a minha mente ao ofício da escrita e me torna um mero burocrata das palavras, como o seria se fosse um burocrata das imagens ou dos números. Sinto que quanto mais coisas visse na realidade, tanto mais teria par acrescentar e transformar em palavras, mais se multiplicariam as razões para lhes dar contorno lexical e metafórico, uma forma de tradução por assim dizer. E eis que surge a tentação do cinema,

construir argumentos, para livros ou para actores, o que facilitaria abranger uma rede, ampliar a minha rede de amigos, fazer amigos, numa palavra. Abro a caixa de Vegafina baunilla. 1,70 euros:10 unidades. Tenho 6 unidades até amanhã. Quer dizer que esta noite ainda vou estar vivo. Já não penso em Berkeley. Porventura não terei coração para aguentar uma viagem de regresso. Oíço um avião passando. Está calor. Passa um carro. A solidão morde mas não se vê. Será que existe ou é uma construção social para nos movermos e construirmos redes de solidariedade entre nós, um alarme do organismo social contra a destruição e a desagregação? Talvez seja isso. Já não sinto falta de mulher. Gastei o último dinheiro num café, há pouco. Não torno a sair de casa. Sinto que estou fazendo, construindo, uma tese em filosofia, não em antropologia, tal o meu grau de recolhimento e concentração. Em todo este processo tenho trabalhado imensamente isolado, concentrado, dedicado, sem partilhar opiniões e comentários ou reflexões com colegas ou especialistas. Tomo uma cigarrilha nas mãos, passo-a longitudinalmente sob o nariz para sentir o cheiro. Agradável. Tomo um pouco de água e como chouriço e queijo. Coim bem há pouco, estou bem de saúde, pronto a enfrentar mais uma tarde de trabalho, aqui, à volta dos livros, enquanto me é permitido. Acendo a cigarrilha e vou à varanda. Recolho a roupa do estendal da varanda. Levo-a para o quarto. Arrumo a cozinha. Descalço-me, mudo de roupa. São seis e meia. Lá para as nove, com a noite, vai vir uma nova vaga de inspiração. A televisão ou qualquer música é-me indiferente. Estou bem com o meu espírito, estou sossegado e a produzir, como se vê, podia estar a relatar mais que meras coisas domésticas, disso tenho consciência, se o cenário diante de mim mudasse e se rasgasse no horizonte (mais uma ideia cinematográfica, teatral, no mínimo). Arrumo um pouco a sala onde estou. Abandono este ecrã branco por um pouco e entretenho-me a procurar ler um pouco. Há um instinto de

sobrevivência em tudo isto ou uma atracção do martírio? Não percebo, obedeço sem dúvida a uma qualquer lei que me é superior e que irei descobrir daqui a uns dias (com o tempo sempre acabamos, de balde, por descobrir, tudo o que nos fizeram à socapa quando tínhamos força mas não tínhamos o conhecimento).

Vamos agora trabalhar noutro âmbito e deixemos a possibilidade de criar mais personagens, até porque hoje finalmente vi os pés de João Prestes sobressaírem fora de uma coluna juntamente com alguns dos seus sacos, e concentremo-nos no próximo trabalho que temos que empreender e que implicará nossos esforços para além do contexto, se é que há um contexto desta obra a que designo finalmente **Magnitude**. Supomos que na próxima 2^afeira teremos a possibilidade de nos matricularmos no 2º ano do doutoramento e, com um orientador, prosseguir algum trabalho de campo e finalmente orientar os nossos esforços na feitura de uma tese e acabar um doutoramento, o que levará mais dois anos. Supomos que terá o nosso financiador essa novidade para nós, para sermos esperançosos e positivos. Na pior das hipóteses, não teremos bolsa nenhuma nem frequentaremos sequer o primeiro ano, muito menos iremos lá fora, portanto deixemos de sonhar por enquanto com o que se passa ou poderá passar connosco lá fora e pensamos no que se passa e poderá passar aqui dentro, neste espaço delimitado. E construamos, para bem do nosso intento, um texto forte e consistente, forte teoricamente e na empiria. De modo que tinha uma de duas opções possíveis e ainda não tinha orientador, nem sabia o que iria sair do meu financiador, nem sabia sequer se iria ter financiamento para o projecto, de modo que estava a fazer um pouco castelos no ar, mas era bom preparar-me antes do tempo, quanto mais que não seja porque em caso de ser escolhido para dar aulas de Metodologia, estes aspectos iriam ser todos rebatidos e

contemplados nas aulas. Que confusão! E a confusão é maior quando estamos sozinhos e sem informação. Tenho de fazer tudo sozinho. Quem me mandou meter nesta aventura?! Nunca mais saio disto! Mas bom, estava eu a dizer, tinha uma de duas soluções, ou mudava o projecto e ia fazer qualquer coisa totalmente nova com novo fôlego para outra região do mundo ou levava este até ao fim, só faltavam dois anos, ou um na melhor das hipóteses, redigir a tese. Estava mais virado para a segunda e fazer uma síntese de todo este meu ingente esforço pessoal (e familiar) feito até agora, seria o culminar. Depois se veria, depois partiria para outra aventura, quem sabe noutra lugar. E aqui fazia sem dúvida sentido um ano de pesquisa nos Estados Unidos para tomar um novo fôlego à escrita da tese, coisa que eu tinha mais tarde de falar com o orientador. Não sei quem seria, mas estava apto a trabalhar com quem quer que fosse, não era especialmente selectivo em escolher uma pessoa com tal ou tal características, acho que desde que fosse uma pessoa minimamente decente servia para fazer um bom trabalho. Agora é tempo de voltar atrás. Como tudo começou? Eu estou nas aulas de história com o meu amigo Flávio, o gosto pela antropologia nasceu pelo gosto pela cidadania grega, com Sólon e Pitágoras, quando começámos a ser grandes amigos. Eu tinha de preservar esse gosto e fui guardando-o no seminário, guardei-o comigo mais do que guardaria comigo o amor de uma miúda adolescente, esse gosto antropológico pela cidadania. Mais tarde, em Braga, cruzava-me com o filósofo Borges, que escrevia no Diário do Minho enquanto frequentava a Faculdade de Teologia. Talvez o destino do país estivesse na mão daqueles 4 postulantes franciscanos que se espalharam agora pela europa. Talvez, ninguém sabe. Sabe o leitor? Quem o pode demonstrar? Seja como for, esse interesse pelas coisas sociais já vinha do Estudos Sociais da Telescola...mas intensificou-se com a colecção Conhecer Universal...com séries televisivas como O Aparecimento do Homem, de David Leakey, mas foi nas aulas de

História do Professor Álvaro que tudo se desencadeou na minha mente, abriu-se uma brecha, deu-se um cataclismo humano sem precedentes e a parti daí foi só recolher dados, absorver, absorver. O caminho para a antropologia estava aberto, como ciência que ajuda a fazer filosofia, estava traçado. Pausa para imprimir algumas ideias. São 19.58. Vamos ver as notícias para não perdermos o rumo dos acontecimentos que nos podem enquadrar com alguma coisa de relevante. Chegaremos às 50 páginas no final desta noite? Claro que chegamos, nem que seja para explicar como funciona a economia da crença, a gestão da economia da crença a nível local, já que fundamentalmente há mais dignidade do que se julga nos aglomerados locais do que se julga quando há redistribuição da riqueza. Bloqueio por interferência da figura paterna. Fazer outra coisa para desvanecer. Ver email, por exemplo. Já foram impressos alguns textos com tópicos para continuar cimentar a estrutura teórica da tese.

Agora estou tramado. Depois de um banho, fico sem tabaco. E sem dinheiro para tal. Sou obrigado a deixar de pensar, a deixar correr espontaneamente os pensamentos. O que irá acontecer. Bem, pelo menos se continuar a escrever, vou de certeza chegar às 50 páginas esta noite. Junto alguns livros. Por hipótese estou pensando já na tese, na estrutura teórica, depois vem o trabalho de campo, ou é antes, bem, não posso fazer as coisas sozinho, o meu amigo não telefonou, não nos vamos encontrar, sinto necessidade de estilhaçar todo este mundo em que vivo com uma granada, esta capa que me protege de qualquer coisa oca e sem sentido que se avolume como um monstro conspirativo a pouco e pouco. Amanhã telefono para o meu financiador e fico a par do que ele me quer dizer, vou ver o andamento das coisas, depois tenho ainda de concorrer ao último e verdadeiro financiamento, o do estado, esse é que é definitivo. Se não conseguir este último, chapéu, vai tudo, ou quase tudo por água abaixo. Lá terei eu de

esperar mais um ano e procurar empregos de recursos, actividades de empata-vida para procurar fingir estar entretido e nos interstícios ir avançando com a tese. Cheguei às 45 páginas. Estou sem inspiração. Sinto-me vazia, pudera, não converso com ninguém há semanas! Há um vazio dentro de mim, uma tristeza, um tom de angústia sem fim e melancolia como se nada valesse a pena. Enfim, é o desalento. Ninguém telefone, ninguém se importa, parece que não existo. Acho que vou sair, do mal o menos, vou comprar tabaco, lá arranjaré dinheiro, quero lá saber.

Fui e já regressei. Aqui estou de novo diante do ecrã branco. Nesta aventura ultraliberal, lá encontrei o condutor do autocarro, falei com ele sobre miúdas, tantos para cá como para lá vinham três pessoas jovens. Levei óculos diferentes, que vou levar amanhã também. Não ficam mal, o modo como tenho o rosto e o fâcies arranjado agora e o cabelo agradam-me bastante, não vou cortar o cabelo, tenho bom aspecto. Vou entrar na noite. Uma noite longa. Faltam-me cinco páginas para as 50. Vamos então. Na ida para lá no bus pensei em fazer um programa na cadeira que possivelmente vou dar que viesse do futuro, retirá-lo a uns dias do futuro. Estudar o que já tenho e elaborar um que viesse mesmo do futuro. Fazer umas leituras no ISCTE, caso seja positiva a resposta da amanhã da entidade financiadora. E entretanto devo ter de preparar o projecto final para a FCT, que possivelmente ainda vou ter de o fazer com o orientador, reunindo-me com ele, é isso talvez que a entidade de acolhimento quer falar comigo, dar uns retoques no projecto antes de dia 27. De início sentimos sempre uma tristeza, uma melancolia funda e cava, mas acabamos por voltar as costas e tudo isso e recomeçar a luta, vejo o condutor do autocarro, vejo os passageiros, vejo pessoas no centro comercial e na volta para casa mais um indivíduo sozinho, muitos como eu não arranjam mulher, uma lágrima de raiva solta-se de quando em vez quando vemos todos

se arranjam de uma maneira ou de outra e nós ficando para trás, por amor a uma ciência, a uma actividade, que não se sabe bem já se nos valoriza, cuja comunidade está completamente alheia a nós e é uma capela longe de nós, que não nos dá a mínima atenção, enfim, parece que somos a ponta de um território esquecido que pouca gente visita. Deste modo, acabamos por entrever nestes anos todos de estada em Lisboa o modo como os lisboetas nos vêm, observadores da sociedade lisboeta, nos vários locais da cidade em que vivemos, acabando nós por nos transformarmos lisboetas também. Alto! Fartote de escrever. Há qualquer coisa de errado aqui. Feche-se o documento, faça-se uma pausa.

Chega-se de novo ao convívio do espaço em branco para tecer um argumento. Um jovem na escola, dentro de um grupo. Ambiciona ser alguém, singrar no grupo, na vida, descobrir qualquer coisa, a vida aos poucos. Recusa-se a viver, sai do cenário, depois volta e reconstrói tudo e volta a acreditar. É este mais ou menos o movimento do personagem principal, agora há que recheiar os seus movimentos com situações diversas e enredá-los com os outros personagens. A noite está branca. Os pensamentos parecem vir em catadupa, não estou a mentir, vêm mais ou menos ordenados, como num piano de corda. Vou beber água. Tenho alguns livros para a bibliografia da tese. Punho um pouco de Erasme, o que me alegra um pouco. Estarei em breve para ir a Londres? É lá que vão ser os Jogos Olímpicos em 2012, poderia ir ver em vez de estar nesta Lisboa (de tédio?...). Adiante. O projecto, tenho de fazer o projecto, tenho de ter paciência. O argumento está traçado, há sempre esperança para reviver, vale sempre a pena. Mesmo que sejamos bonitos e inteligentes e os outros pensem que temos um problema por não termos uma miúda. Mesmo que sejamos mais civilizados, atentos, sensíveis, inteligentes, bonitos e carinhosos que os outros. Só que às vezes a justiça faz-se esperar. Outras vezes nunca se cumpre. E temos que

nos aguentar com esse estado de coisas e partir para outra situação. Não há nada a fazer. Há mais marés que marinheiros. Foram tantas as oportunidades que tive de arranjar mulher que até nem me quero lembrar, foi ó, passaram assim tantas que nem sei, mas deixei de dar importância a isso, aprendi a viver na solidão. E cheguei às 47. São 2 e 12h. O que vou dizer nestas páginas seguintes? Que havia de ir a casa ver o Rafael e a família? Sinto saudades deles, especialmente dele. Gostava de estar perto dele, vê-lo crescer, mas também tenho vontade de partir para outra situação, crescer noutra sentido, é um sentimento que tenho cá por dentro. A minha obra ainda não é conhecida cá em Portugal, estranhamente não está publicada. Talvez diferentemente o nome seja badalado. Mas a obra não. Virá a ser talvez daqui a um tempo. Entretanto, vou-me ocupar na feitura da tese, caso para isso tenha fundos, é o que de mais fundamental vou fazer nos tempos seguintes. Gostaria de ter feito trabalho de campo noutra país, longe, mas entreguei-me à escrita em casa e creio que produzi um bom par de obras que marcarão. Disso estou convencido. Tenho a consciência tranquila quanto ao trabalho feito. Quando chegar às 80 páginas, será o ponto de equilíbrio a partir do qual posso sonhar com a publicação. Poderei passar pela editora e deixar o original à minha editora. Teoricamente aconteceria assim se as nossas relações estivessem boas, mas estão num impasse, muito por minha culpa. Ou talvez não. Alguém tem culpa de não ter amigos? Sim, posso pôr a questão nesses termos. Alguém tem a culpa de ser pouco sociável? Sim, afinal de contas, não seria um verdadeiro antropólogo, pois não sou verdadeiramente sociável, se é esse o ponto da questão, não sei criar laços à minha volta. Talvez para ser filósofo seja necessário também criar laços. Tenho então de aprender isso tudo? Então não é o que tenho feito todo este tempo, como a minha aprendizagem social, mudando de grupo em grupo, de sociedade em sociedade? Puxa!...Lembro-me do meu amigo

Orestes...como estará ele? Estendido, a fumar...a pintar, encostado à namorada, a dar-lhe dinheiro, a pedir cigarros, a apanhar pontas...okay, falta mais uma página e estou lá, ainda teria muito mais coisas para dizer, mas acho melhor dizer as últimas e descomprimir e deixar isto (o ecrã) e voltar para o caso de ter mais ideias. Tenho de ligar amanhã a Orestes. Está a fazer um retrato a lápis do meu rosto, vamos ver como fica.

São 2.31h. Nada a fazer. Ler um pouco antes de deitar o livro para o lado e deitar o corpo para o lado e para baixo e deixar-me adormecer na noite, para mais uma noite. Entretanto bebi um café e fumei uma cigarrilha. Últimos pensamentos do dia. Talvez o homem do autocarro. Um último pensamento para o homem do autocarro, ou para as miúdas que se colam a ele que nem moscas. Que inveja que eu tenho! E eu que faço tudo por tudo para que isso aconteça e que no fundo nada faço para que isso aconteça. Devia ter investido em coisas distintas, agora me lembro depois de ter todo este caminho feito. Mas não me arrependo. Não dou por mal empregue o meu tempo. Durmo descansado e tenho bons sonhos. Mas há uma certa mágoa que o pai de família não tem, não tenho as preocupações que o pai de família tem, pelo menos por enquanto, por isso sinto atravessar-me um sentimento de azar e injustiça, como se fosse um a pessoa incapaz para viver em sociedade, como se tivesse o corpo pequeno, diferente, como se não fosse capaz como os outros...o sentimento de impotência é confrangedor e esta impaciência corrói por dentro e pratico alguma disciplina aqui com estes exercícios da palavra, sempre sozinho, que afinal o amigo não telefonou e há semanas que não conversei com ninguém. É atroz. Conversei com o meu psiquiatra, e afinal tenho de ir ver no email se ele já me respondeu, mas foi coisa breve e ele não tem o brilho de outros tempos. Mas ainda lhe confio as minhas esperanças, confio na sua capacidade. Sei que uma mudança de plano em todo este filme que é a minha vida

poderá trazer novos argumentos, novas perspectivas, novos enlaces, novas personagens e novos cenários à trama, novos desenvolvimentos em que serei eu protagonista. Porque afinal é o filme da minha vida. Eis-nos chegados às 50. [...] Mas a minha cabeça não descansava, lembrando-me dos momentos, dos dias em que em criança ficava pensando ternamente durante a noite de olhos abertos em enigmas sobre o que se passara durante o dia, acontecimentos na escola, na aldeia, no grupo recreativo onde se teceram as primeiras namoradas, enfim, eu não deixavam de pensar em dois enigmáticos mistérios, o primeiro, de Brando, um jovem da terra que se suicidara por enforcamento depois de uma ida à América para resolver problemas financeiros. Tinha estado com ele há algum tempo. Ele tomava psicotrópicos, tal como eu. Era forte como um touro. Dissera-me que quase estivera para matar um colombiano. Eu avisei-o para ter cuidado. E ele mata-se a ele próprio. Diabo, o que passou com o homem? As coisas que se passam na aldeia...e a Floripes ficou viúva, provavelmente seguiu o curso da sua felicidade com outro, numa aventura a dois, também creio que era uma das que gostava de mim...

Depois, o estranho caso de Frei Carlos, de que tive conhecimento recentemente, que deixara nos Açores a namorada americana para ingressar na vida religiosa...tudo isto me intrigava. Iria atrás do rasto de interrogação e suspeita deixado por estes casos?

Mas que me importa tudo isto se afinal as pessoas em geral até me podem considerar autista?

Lacrei a candidatura. O Orientador associou o seu nome à minha candidatura. Deixo este livro nas 50 páginas? Entretanto, estou desalentado. Não sei o que diga.

Quantos dias passaram. Na realidade, vivi mais do que um romance, uma recolha etnográfica, uma entrevista sociológica, um trabalho de campo. Acordei de manhã numa praça plena de

energia mais do que atômica pois que essa energia derivava das próprias pessoas e energia mais poderosa não há. Àquela hora, hora em que terminava este romance, muitos casais copulavam em Lisboa e eu imaginava ouvi-los. Tinha inveja, mas talvez a minha missão fossem poupar-me para outras tarefas. Talvez lá longe, do outro lado do mundo, o meu povo precisasse de mim, de um modo de escrita. Enfim. Vi João Prestes fazer a barba e cortar o cabelo. Vi Angélico ser cremado. E, na televisão, o drama de Sónia Frazão. Os portugueses continuam com problemas e eu rezo, resta-me fazê-lo. Se resolver o problema de Portugal admitir que sou gay, faço-o pelo país. Mas será que descubro a verdade sobre mim mesmo? Não será sempre a verdade o que os outros pensam acerca de mim? Para além dos rótulos, sou eu mesmo, comigo mesmo. Enfim, João Prestes entrou em minha casa e converteu-se no vivente de minha própria vida e eu substituí-o na sua estelar divagação pela praça, sem dizer nada realmente a ninguém, envolto em cabelos e interjeições, em sujidade de uma civilização à procura dela própria, aceitando os renegados do império como filhos e cidadão da pátria enquanto partilhando dos meus ideias democráticos e civilizacionais que só o tempo, o pó do tempo, depois de retirado com cuidado com os dedos, traz ao limpo da memória. E só ele –ou ela, que o tempo pode também ser feminino...ou seria em todo o caso neutro ou ainda mais....enfim- poderá dizer se a história, onde quer que seja, continuará. Simão Prestes desapareceu, bem como um outro que se lhe juntou poucos dias depois. Todavia, os mendigos e sem-abrigo aumentavam em Lisboa. Há pouco tempo vi dois no Cais do Sodré.

Nome do ficheiro: Magnitude-Final-Euedito
Directório: C:\Users\Vitor Mota\Desktop
Modelo: C:\Users\Vitor
Mota\AppData\Roaming\Microsoft\Modelos\Normal.dotm
Título:
Assunto:
Autor: Vitor Adelino Ausina Mota
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 04-03-2013 06:00:00
Número da alteração: 2
Guardado pela última vez em: 04-03-2013 06:00:00
Guardado pela última vez por: Vitor Mota
Tempo total de edição: 0 Minutos
Última impressão: 04-03-2013 06:01:00
Como a última impressão completa
Número de páginas: 52
Número de palavras: 15.719 (aprox.)
Número de caracteres: 84.888 (aprox.)